

1. INTRODUÇÃO

Ainda há risco para o comércio internacional, devido à guerra comercial entre EUA e China, com os chineses próximos de anunciar suas retaliações aos americanos. No entanto, esse é um risco menor já que os EUA, Canadá e México sinalizam para um acordo de uma NAFTA remodelada.

No caso dos Estados Unidos, a recuperação atual já é a terceira mais longa da história, que se consubstancia em desemprego baixo e salários sob controle.

A Europa está livre do risco de recessão, mas ainda assim, não deve continuar crescendo tanto. Apesar disso, há otimismo face o cenário global se encontrar mais tranquilo que no mês passado.

A economia argentina apresenta muitos problemas recentemente, com juros elevadíssimos e merecerá uma atenção especial nesse documento.

O Brasil segue sempre com acontecimentos que minam a estabilidade: se a economia mostra dados não tão positivos, a cenário eleitoral ajuda a amplificar as incertezas várias vezes.

Um dos efeitos disso é a cotação do dólar, que segue subindo. Cada nova pesquisa eleitoral publicada é um novo movimento da moeda, pois o mercado já tem cenários esperados no caso de vitória de cada um dos candidatos.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

O maior problema para os Estados Unidos hoje são as possíveis retaliações por parte dos chineses, que entraram na OMC contra os EUA, mas notícias vêm mostrando que os EUA estão dispostos a tentar o diálogo, o que foi muito bem recebido pelo mercado.

Os dados de vendas no varejo seguem acima do esperado, então o crescimento deve continuar forte. Mesmo com os problemas com a China, as exportações seguem em alta e o déficit comercial, reduzido.

Foram criados 105.000 novos postos de trabalho em julho nos EUA, baixando ainda mais a taxa de desemprego no país, ficando em 3,9%.

A taxa de juros americana ainda tende a subir, mas não será agora, segundo a diretora do FED. A taxa de juros futura está estimada em 2,9%, bem acima da atual taxa, tornando-se indicativo de que o Brasil deve subir os juros no futuro para manter a atratividade de capital estrangeiro.

A União Europeia e o Reino Unido ainda discutem o divórcio, o que gera bastante instabilidade, mas a taxa de juros de ambos não deve mudar: a União Europeia ainda está com a inflação abaixo do piso da meta e a Inglaterra já aumentou os juros duas vezes. A dificuldade agora fica com a Itália, que ameaça violar as regras do limite de déficit, que deve ficar bem acima das recomendações de Bruxelas.

Os dados chineses recentes mostram já alguns efeitos da crise com os EUA, mas superam as expectativas do governo, que já contavam com esses efeitos negativos. O PMI, que é um índice de compras pelas empresas, foi divulgado melhor que o esperado.

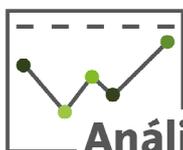
Apesar disso, alguns outros indicadores não foram tão bons, como o crescimento de crédito, o que leva alguns analistas a acreditar que a pressão na economia chinesa pode aparecer mais nos próximos meses, podendo afetar as exportações brasileiras.

A Índia conseguiu recolocar a inflação no centro da meta, enquanto a economia segue em forte crescimento.

A economia argentina segue em crise: os juros, que estavam em 40% ao ano, subiram para 60% ao ano. A moeda vem se desvalorizando demais nos últimos meses e o governo tenta manter a moeda valorizada.

Isso ocorre pois o governo não conseguiu reduzir os gastos como necessário e a fuga de capitais especulativos acabou sendo grande para os EUA, que apresentam bons dados de crescimento.

Uma das atitudes tomadas pelo governo argentino foi a de taxar as exportações, o que afeta de sobremaneira o mercado agrícola. Ou os preços ficarão menos competitivos ou a margem dos agricultores ficará ainda mais baixa, o que diminuirá o incentivo à produção,



Macroeconomia

AGOSTO DE 2018

principalmente dos produtos que estavam fora das retenções anteriores, como trigo e milho.

Para o mercado brasileiro de soja, uma possível redução de área na Argentina pode ser uma excelente notícia, já que como terceiro maior produtor de soja do mundo, a diminuição de oferta seria um fator positivo sobre os preços.

3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 6 de setembro, o crescimento do PIB deve ficar em 1,4%, reduzindo-se mais uma vez. A atividade industrial teve sua previsão revista para baixo novamente, sendo o principal fator para essa redução.

O IBC-Br, que funciona como uma prévia do PIB, subiu 3,29% em junho em comparação a maio, na série com ajuste sazonal. No segundo trimestre, o indicador acumulado recuou 0,99%, impactado pela greve dos caminhoneiros.

Ainda segundo esse relatório, a inflação esperada para 2018 caiu, sendo prevista em 4,05%, como efeito da redução da atividade econômica esperada.

O Banco Central manteve as taxas de juros em 6,5% ao ano após a última reunião do Copom, devido aos problemas que podem ser gerados pela crise comercial internacional e à falta de reformas.

A Intenção de Consumo das Famílias, na pesquisa da Confederação Nacional do Comércio (CNC), reduziu-se 0,5% em junho, na comparação mensal. Frente ao mesmo período do ano passado, o cenário é de melhoria de 12,4%.

O desemprego de junho ficou em 12,3%, significando 12,9 milhões de desempregados, melhorando um pouco em relação ao mês passado. Enquanto isso, o número de trabalhadores informais se manteve estável e o número de pessoas que desistiu de procurar emprego aumentou em 98 mil nesse trimestre, ratificando as informações do boletim passado.

O preço das commodities, segundo o IC-Br, calculado pelo Banco Central, subiu 0,83% na comparação com julho e o câmbio está os deixando mais caros, o que pode causar um aumento na inflação.

Como uma das exigências pelo auxílio do FMI à Argentina, o governo deve reduzir o déficit na economia, o que pode afetar também as políticas de investimento na agropecuária: um produtor com margens pequenas, descapitalizado e sem auxílio deve reduzir sua produção.

A balança comercial brasileira teve o pior agosto dos últimos três anos, com superávit de US\$3,775 bilhões, principalmente pelo aumento nas importações, que é uma boa notícia, pois o aumento de importação de máquina e bens de capital subiu 158,2% em relação a agosto passado.

Vale destacar o aumento das exportações de produtos básicos, em 16,2%, e mostrando, assim, a importância do agronegócio para a economia brasileira, gerando empregos e divisas. Num cenário sem a participação do agronegócio, a balança comercial brasileira teria sido deficitária em 15 bilhões de dólares. A atividade responde por 44,8% das exportações do Brasil e, nos últimos 20 anos, foi a que mais contribuiu para o crescimento do PIB do país.

O dólar iniciou maio cotado a R\$ 3,75 e fechou em quase R\$ 4,06, voltando a subir e favorecendo os exportadores. As notícias sobre a eleição brasileira estão afetando largamente esse valor, considerando que é um período de grande incerteza na economia, haja vista que, qualquer que seja o vencedor, dificilmente não haverá uma enorme mudança em relação à política econômica atual.

Um ponto que deve ser discutido é até quando esse aumento é bom para o agronegócio de um modo geral, pois há um aumento de custos que afetam, principalmente, os produtores. Outro ponto que pode reduzir o lucro do produtor é o encarecimento de frete.